

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

FILIPE ALBESSU NARCISO

**A AUTOTEORIA QUEER E A PERSONALIZAÇÃO DO UNIVERSAL:
DISSIDÊNCIAS DE UM APARTAMENTO EM URANO**

São Paulo
2024

FILIPE ALBESSU NARCISO

**A AUTOTEORIA QUEER E A PERSONALIZAÇÃO DO UNIVERSAL:
DISSIDÊNCIAS DE UM APARTAMENTO EM URANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em bacharelado em Jornalismo, apresentado ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de Concentração: Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Ferdinando

Martins

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Narciso, Filipe Albessu

A autoteoria queer e a personalização do universal:::
dissidências de Um Apartamento em Urano / Filipe Albessu
Narciso; orientador, Ferdinando Crepalde Martins. - São
Paulo, 2024.

37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Preciado. 2. Autoteoria. 3. Teoria queer. 4. Gênero
e Sexualidade. 5. Jornalismo. I. Crepalde Martins,
Ferdinando. II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Filipe Albessu Narciso

Título: A autoteoria queer e a personalização do universal: dissidências de Um Apartamento em Urano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: 02/12/2024

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Ferdinando Crepalde Martins

Instituição: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

Instituição: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. Antônio Mario David Siqueira Ferreira

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Emília Albessu Narciso e Jiaimes Alexandre de Souza Narciso, por escolherem me amar todos os dias. Foi apenas na sessão de agradecimentos ao fim de “Manifesto Contrassetual”, em que Preciado (2022, p. 211) escreve “A meus pais, que apoiam minhas atividades de leitura e de escrita contra suas convicções mais profundas”, que tive a realização de que meus pais escolheram me amar apesar de todas as coisas. Que me acolheram apesar das dúvidas, apesar do que foram criados a acreditar, que apoiam minhas transformações e apoiam a minha atividade de escrita em todos os momentos. Por sempre lerem o que eu escrevo. Nunca conseguirei, em vida, agradecer o suficiente.

A minha irmã, Ana Clara Albessu Silva, por compartilhar essa experiência na terra comigo como minha melhor amiga. Por ter sido a referência para meus gostos e minha personalidade, por ser o yang do meu yin, por ser tanto o diferente quanto o igual na minha existência. Por ser tão confiável e sempre se fazer presente. A tanto meus pais quanto minha irmã, por terem criado as condições para me permitir ser eu mesmo.

A meu orientador, Ferdinando Crepalde Martins, por ter aceitado oferecer sua supervisão para minha monografia. Por suas orientações e pontuações tão contundentes e por compartilhar seus conhecimentos sobre epistemologias dissidentes e por identificar valor no que gostaria de falar.

A todos os docentes de graduação, professores da educação básica, fundamental e médio, em especial professoras, que exerceram sua profissão tendo o humanismo e a compaixão como norte. A minhas professoras de língua portuguesa que me motivaram a gostar de escrever e a gostar de literatura. A todos que foram capazes de me deslumbrar com o conhecimento, que me fizeram ver o mundo de novas formas.

A meus amigos/as/es que me ajudaram a fazer não só desta monografia um trabalho possível, mas também toda a graduação em jornalismo. Mais ainda, gostaria de agradecer a todos que me ajudaram a sobreviver à violência institucional das escolas, das atividades e dos locais segregados por gênero, da homofobia recreativa do cotidiano. Dentre eles, gostaria de mencionar em especial Victor Andrade, Matheus Gorgulho, Kelvin Fraga, Felipe Arena, Claudia Fiorentino, Fernanda Botelho, Paulo Vitor Martuscelo, Rosângela Calixto, Camila Pires, Giovana Pazzotti e Gabriela Milharezi.

A Mariana Marques, por sempre me impressionar com sua perspectiva crítica do mundo e sua sensibilidade ímpar em relação a todas as coisas. Essa monografia não existiria, tendo eu

optado por um tema mais convencional e que não fosse tão relevante pra mim, não fosse por sua companhia em minha vida. Sempre vou ser transformado por você.

A Ana Paula Alves, por ser calma e segura nos momentos em que mais precisei. Por ter aceitado fazer nosso documentário, só nós dois, apesar de todos os desafios, e assim ter me impulsionado a continuar falando sobre vivência queer no meu microcosmo. A tanto Mariana quanto Ana Paula por me fazerem acreditar, apesar de todos os desafios, em um jornalismo e uma comunicação social transformadora.

A Karen Moreira por, há tantos anos, ser minha amiga de todos os momentos. Por continuar dividindo momentos e experiências mesmo em outra cidade, mesmo em outro momento de nossas vidas. Por ter me acompanhado em meu amadurecer e por fazer tudo mais feliz.

A minhas amigas do meu período de estágio, Jéssica Caroline, Kiara Neves, Maria Eduarda Maekawa e Raissa Costa, por terem sido uma sustentação em um momento delicado da minha saúde mental e das minhas atividades acadêmicas. Também jamais poderia me esquecer de Sandra Caixeta, que a sensibilidade e compaixão tocaram meu coração e acalmaram minha existência tão inquieta. Que tenhamos muitos e muitos mais cafés juntos.

A Felipe Schitini por dividir aproximadamente 83,3% de um nome próprio comigo. Por me fazer rir, por me permitir chorar sem medo, por me motivar e me dar a segurança que não sabia que poderia compartilhar com alguém. Pelas risadas intermináveis e a felicidade que parece durar pra sempre. É sempre maravilhoso dividir um dia da minha vida com você.

A todos aqueles que vieram antes de mim, todas as pessoas queer que questionaram a cisheteronormatividade em algum momento para que fosse possível eu escrever essa monografia em segurança hoje. Nada disso seria possível sem a disruptividade queer como ação histórica e sem a coragem e coletividade da comunidade LGBTQIA+.

E, por fim, estendo meus agradecimentos a Paul B. Preciado. Por me fazer acreditar em um novo mundo possível, por me fazer pensar em uma nova identidade (im)possível, por compartilhar sua epistemologia fascinante com o mundo e por dividir seu apartamento em Urano comigo.

RESUMO

Tendo como objeto de estudo a obra *Um Apartamento em Urano* do teórico feminista queer transgênero Paul B. Preciado, essa monografia busca investigar a autoteoria queer como potencial linguagem jornalística por meio da metodologia preciadiana e de uma intervenção transformadora queer, além de explorar as formas como a autoteoria se diferencia e excede o jornalismo tradicional no que concerne à qualidade informacional. Por meio da coletânea de crônicas da obra, o estranhamento queer e a sua personalização do universal são colocados como contraponto ao positivismo da racionalidade e da padronização do jornalismo como novas maneiras de se pensar e comunicar o mundo.

Palavras-Chave: Preciado; Autoteoria; Teoria queer; Gênero e Sexualidade; Jornalismo.

ABSTRACT

This undergraduate thesis has as an object of study the book *An Apartment on Uranus* written by feminist transgender queer philosopher Paul B. Preciado. Using preciadian theory and other queer interventional and transformative epistemologies, the paper is an investigation of the potential of queer autotheory as a form of journalistic language and the ways in which it differentiates and exceeds traditional journalism when it comes to informational quality. Through the collection of chronicles of the book, the queer estrangement and the personalization of the universal are put as a counterpoint to the rationality of positivism and the patterns of journalistic writing as new ways to think and communicate the world.

Keywords: Preciado; Autotheory; Queer theory; Gender and sexuality; Journalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PAUL B. PRECIADO: A VIVÊNCIA QUEER COMO CONHECIMENTO.....	11
3	O ESTRANHAMENTO “QUEER”: A IDENTIDADE DA DESIDENTIFICAÇÃO.....	14
4	A AUTOTEORIA COMO FONTE DE CONHECIMENTO QUEER.....	17
5	DO URANISMO À IDENTIDADE TRANS: O SER TRANSFORMADOR EM “UM APARTAMENTO EM URANO”.....	18
6	TORNAR-SE PAUL: SOBRE A TRANSIÇÃO.....	21
7	O SUL NÃO EXISTE: AUTOTEORIA E PRECIADO NO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DO SUL GLOBAL.....	23
8	A LÍNGUA DO PATRIARCADO COLONIAL: AUTOTEORIA DE PRECIADO E A ÉTICA DA INSUFICIÊNCIA TEÓRICO-POLÍTICA DO JORNALISMO.....	27
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Um apartamento em Urano: crônicas da travessia é uma obra escrita pelo curador, cineasta, filósofo e teórico feminista queer transgênero Paul B. Preciado. O livro chegou ao Brasil em português em 2020, por meio de publicação da editora Zahar e tradução de Eliane Aguiar. A obra reúne 73 crônicas escritas por Preciado entre 2010 e os primeiros meses de 2018 publicadas, em sua maioria, semanalmente para o jornal francês *Libération*. Com uma escrita pungente e questionadora, Preciado expõe sua perspectiva queer dissidente em cada uma de suas crônicas, traçando paralelos entre as transformações pessoais de sua vida à transformações político-sociais de escala global. Crítico contundente do capitalismo, da cisheteronormatividade, e de um estado político farmacopornográfico e necroliberalista, Preciado se volta contra todas as ferramentas de controle dos corpos impostas na contemporaneidade.

Essa monografia tem por objetivo analisar a obra *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia* de Paul B. Preciado em suas magnitudes jornalísticas a fim de evidenciar o caráter transformador da teoria queer para a comunicação social, em especial brasileira, e suas inerentes propostas dissidentes para o modelo tradicional cisheteronormativo viabilizado e enfatizado pelos meios de comunicação social vigentes. Seu foco será no potencial da autoteoria queer de Preciado para a personalização do universal no jornalismo. Ou seja, para, por meio da escrita pontuada e sem princípios de imparcialidade e objetividade irrestrita, ser capaz de desfazer, desconfigurar o sujeito universal do jornalismo para viabilizar novas corpas, novas possibilidades de sujeito e narrativas.

Para tanto, creio ser necessário uma contextualização da vida e obra de Preciado, em virtude desta monografia utilizar conceitos e terminologias espalhados por todo seu corpo teórico e literário, à semântica de queer e as propostas do movimento e da teoria queer, para uma profunda compreensão de sua epistemologia e reivindicações, e, por fim, à autoteoria presente na escrita de Preciado, metodologia base dessa monografia e ponto central de defesa da personalização do sujeito universal jornalístico e do reconhecimento de uma ética da insuficiência teórico-política no jornalismo.

O desenvolvimento, se utilizando do princípio da autoteoria, irá destrinchar inicialmente uma análise do conteúdo presente na obra *Um apartamento em Urano*. Primeiro, será realizada uma análise da forma do livro, da curadoria de Preciado para sua publicação e

do contexto histórico-político global em que está inserido. Depois, o foco será o processo de transição de gênero que Preciado registra em suas crônicas e que também se faz presente em outras obras como o *Manifesto Contrassexual* e o *Testo Junkie*. Por fim, será realizada uma análise dos ensinamentos e dos valores apresentados por Preciado para o contexto sociopolítico dos países do Sul global e, mais especificamente, do Brasil, a fim de descobrir de que formas o movimento queer e a autoteoria podem beneficiar o jornalismo e as condições de vida de países subdesenvolvidos.

Após essas considerações, a análise passará a considerar aspectos linguísticos e discursivos da obra. As relações entre o patriarcado colonial e a escrita jornalística serão colocadas em evidência, especialmente nas críticas traçadas por Preciado ao conhecimento acadêmico e às prioridades das estruturas ocidentais de saber. Também a relação entre o corpo dissidente e as fronteiras do mundo moderno dos estado-nação, a relação entre a dissidência do sistema sexo/gênero à imigração, uma das características marcantes de *Um apartamento em Urano*. Finalizando, será analisado o lugar de enunciação na autoteoria de Preciado e como sua honestidade, sua visceralidade é capaz de assumir uma filosofia da ética da insuficiência teórico-política ao constantemente demarcar o enunciador em sua mensagem.

A fim de oferecer uma dimensão mais detalhada das especificidades e características inerentes à autoteoria de Preciado, vou abordar diretamente o que seria essa autoteoria, como ela se relaciona com a escrita jornalística e com a escrita de crônicas e tipos literários, como ela é realizada no livro e de que forma ela representaria uma nova perspectiva, uma possível reinvenção, e talvez até destruição, do modelo jornalístico convencional contemporâneo. Expostos todos esses elementos, irei oferecer minhas considerações finais em relação ao tema.

2 PAUL B. PRECIADO: A VIVÊNCIA QUEER COMO CONHECIMENTO

Paul Beatriz Preciado nasceu em Burgos, na Espanha, no dia 11 de setembro de 1970. Ou, como ele mesmo introduz em sua crônica “A destruição foi minha Beatriz” (PRECIADO, 2020, p. 243-245)¹, Paul nasceu, para a legislação espanhola, no dia 16 de novembro de 2016, com a regularização legal de sua transição de gênero. Teórico feminista desde o período anterior à sua transição, Paul B. Preciado é figura internacionalmente

¹ Esse trabalho foi realizado com o modelo de formatação da ABNT NBR 6023:2018.

reconhecida para o movimento queer. Sua produção acadêmico-epistemológica é distribuída entre 5 diferentes livros publicados no Brasil², além de um longa-metragem.

Inspirado especialmente nos nomes pós-estruturalistas franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, além de se referir constantemente às importantes contribuições de Michel Foucault, Achilles Mbembe, Judith Butler, Monique Wittig, Jacques Derrida, entre outros, Paul B. Preciado é um teórico de gênero contemporâneo que explora as relações de corpos com o capitalismo e os Estados nacionais modernos. Sua primeira obra cronologicamente, “Manifesto Contrassetual”, teve sua primeira edição publicada em 2000 e é uma amalgama de provocações e questionamentos sobre o poder do sistema sexo/gênero e de novas epistemologias anti-sistema e anti-assimilação de pessoas LGBTQIA+. Preciado (2022, p. 24) descreve:

Contra a pauta reformista e integracionista jurídica dos movimentos identitários de lésbicas, gays, bissexuais e trans (LGBT), a contrassetualidade propõe uma nova configuração da relação entre desejo e corpo, entre tecnologia e consciência. Contra uma luta pelo reconhecimento e pela representação de identidades de acordo com os meios democráticos tradicionais (votação, mudança na legislação, etc.), sugiro a experimentação radical de novas práticas de emancipação sexual e autogestão sexual coletivas.

Nessa subversão dos mecanismos de poder envolvendo o sistema sexo/gênero, Preciado oferece o que ele chama de dildotectônica, uma produção tecnológica e filosófica de desvirtuação, de perversão do Falo de Sigmund Freud, conceito do psicanalista que se refere, ultimamente, a um mecanismo de poder inerente a pessoas com pênis pelo que ele denominaria de “inveja do falo” que atinge pessoas sem pênis durante seus desenvolvimentos, fazendo-as desejar o poder de desenvolver o membro. Para o teórico, a noção do Falo freudiano é uma transcendência, uma impossibilidade, um pênis eternamente e perfeitamente ereto, ejaculante. Assim, o dílido, e a dildotectônica³, são produtos tecnológicos de simulação do Falo freudiano, desvirtuando-o de sua manipulação de poder do masculino/falocêntrico para não apenas uma coletivização, mas uma extensão humana para além do biológico.

Após a publicação de seu manifesto, Preciado publicou em 2008 “Testo Junkie: sexo, drogas, e biopolítica na era farmacopornográfica”, livro descrito pelo autor como autoteoria. Tomando por base a obra de Michel Foucault “História da sexualidade” (1976-1984),

² Como prolífico escritor e teórico queer, Preciado possui diversas outras obras que não foram traduzidas para publicação no Brasil. Para além da barreira linguística, essas obras não foram consideradas nessa monografia em razão de que aquelas que foram publicadas são bastante completas na sua exposição do pensamento preciadiano.

³ A dildotectônica é uma perspectiva crítica não só do pensamento freudiano, mas de toda a base terapêutica da psicanálise. Para Preciado, a enfatização na diferença do sexo biológico como formador da personalidade e da identidade perpetrada pela psicanálise, além de sua abordagem terapêutica de controle e correção de subversões, é um sustentáculo da cisgender normatividade.

Preciado escreve esse corpo-ensaio sobre sua relação com a prática de ingestão de testosterona, suas relações interpessoais, em especial com sua amante e escritora de “Teoria King Kong” Virginie Despentes, e as relaciona com uma série de dados e conhecimentos sobre os sistemas médicos-legais do ocidente e sua relação de opressão com pessoas trans.

O gênero literário da autoteoria empregado na obra é uma prática de escrita com uma descrição pouco delimitada, se caracterizando por uma mescla entre os gêneros informacionais, acadêmicos, literários e biográficos. Em “Testo Junkie”, anterior à publicização do seu processo de transição de gênero, referindo a si próprio pelo acrônimo BP, as primeiras letras de seu antigo primeiro nome e sobrenome, Preciado cunha o importante conceito de “farmacopornografia”, um sistema sociopolítico consequente do capitalismo tardio pelo qual “se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual” (PRECIADO, 2023, p. 36). Ou seja, a farmacopornografia se refere ao controle dos corpos através de duas esferas interconectadas, a primeira sendo concreta, de acesso à saúde e da distribuição de fármacos, e a segunda sendo a esfera de representações e imagens, em especial, mas não exclusivas, da pornografia.

A farmacopornografia é conceito primordial para a compreensão da filosofia queer em Preciado. Em suas próprias palavras, “O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade” (PRECIADO, 2023, p. 42) e “[...] o controle farmacopornográfico infiltra e domina todo o fluxo de capitais, desde a biotecnologia agrária até a indústria *high-tech* de comunicações” (PRECIADO, 2023, p. 43). Assim como a noção de espetáculo em Guy Debord, que não se refere apenas ao entretenimento como um *panem et circenses*, mas sim ao espetáculo como um aglomerado de imagens e representações que fazem com que o indivíduo perca a experiência do real, a dimensão semiótico-técnico da farmacopornografia se ramificaria, inclusive, à dimensão da representação jornalístico-informacional.

Colunista semanal do jornal francês social-democrata *Libération*, Paul Preciado continuou sua jornada pela autoteoria em sua série de crônicas publicadas pelo jornal. É a partir de uma curadoria, majoritariamente, de crônicas escritas para o *Libération* que Preciado encontra o material para sua próxima obra, “Um apartamento em Urano”, publicado pela primeira vez em 2019. O livro concilia simultaneamente o aspecto autobiográfico da vida de Preciado e os pormenores de sua trajetória pessoal pela transição de gênero e suas lutas políticas com um escopo sociopolítico do funcionamento do ocidente contra corpo dissidentes do sistema sexo/gênero e do funcionamento dos estados nacionais entre os anos de 2013 e 2018. É em “Um apartamento em Urano” que Preciado aparenta reunir todo o

academicismo e escopo teórico de suas obras e transformá-lo para a linguagem jornalística e poética do ato de redigir crônicas.

Em sua mais recente publicação, “Dysphoria Mundi: O som do mundo desmoronando”, o autor novamente explicita sua experiência enquanto homem trans queer para discorrer sobre o denominado fim do mundo a partir de um espaço de transição entre gêneros literários e textuais. Escrito durante a pandemia de COVID-19, Dysphoria Mundi é berço de novas terminologias e dá continuidade às estratégias de conciliação de Preciado entre conceitos da biologia e da filosofia para a construção de uma nova epistemologia. A obra é, praticamente, mítica, ao invocar a noção de disforia como um fenômeno de escala global e requerer ao leitor para pensar da perspectiva do próprio vírus da SARS-CoV-2.

Por fim, seu longa-metragem “Orlando: minha biografia política” segue para a linguagem cinematográfica com sua proposta de novas epistemologias e perspectivas de mundo. Tomando por referência a obra Orlando da escritora britânica Virginia Woolf, Preciado reúne diversos corpos trans para encenarem os eventos que se desdobram na obra com direito a suas próprias divergências, interpretações e desdobramentos contemporâneos. Orlando é um manifesto da existência trans por meio do cenário do romance de Woolf, com uma mensagem direcionada à nova juventude queer do planeta, desejando sorte e força por uma revolução das condições sociopolíticas a que estão inseridos.

3 O ESTRANHAMENTO QUEER: A IDENTIDADE DA DESIDENTIFICAÇÃO

A fim de melhor compreender as demandas e reivindicações do movimento queer, é fundamental compreender a dimensão epistemológica e a terminologia ligada à identidade queer. Para tanto, considero relevante me ater aos escritos de Judith Butler, em especial sua notória obra “Problemas de gênero”. Apesar de seu foco formativo ser direcionado à filosofia da política e ética, Butler se consagrou como um dos maiores nomes da terceira geração do feminismo e como indivíduo símbolo da teoria queer. Importante referência teórica para Preciado, Butler cunha a noção de performatividade de gênero e expõe as incongruências discursivas e epistemológicas das filosofias essencialistas e/ou deterministas sobre o gênero.

Simultaneamente tecendo críticas e valorizando as obras de outras feministas como Monique Wittig, Luce Irigaray, Simone de Beauvoir, entre outras, a teoria queer em Butler parece vir como consequência de uma insuficiência teórico-política das pautas e epistemologias feministas anteriores. A noção de performatividade de gênero em Butler é

uma negação de que existiria, de alguma forma, uma realidade do sexo/gênero que seja universal e anterior ao construtivismo dos imperativos da sociedade. Como apontado na obra: “Embora afirmar a existência de um patriarcado universal não tenha mais a credibilidade ostentada no passado, a noção de uma concepção genericamente compartilhada das ‘mulheres’, corolário dessa perspectiva, tem se mostrado muito mais difícil de superar” (p.22). Ou seja, os problemas de gênero, como apontado por elu, é que todos os seus entendimentos posteriores são insuficientes, inconsistentes, seja a perspectiva de que o único marcador de gênero seja o feminino e o sujeito universal masculino, ou que o feminino seria a ausência de gênero, a “identidade” de gênero em Butler⁴ não existe, apenas as ações de performance e reiteração da teia de consensos que definem o que é esperado em relação ao gênero atribuído a um indivíduo no convívio social. Butler (2003, p. 56) define:

Nesse sentido, o *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados.

Dessa forma, os indivíduos não cisheteronormativos seriam um estranhamento, uma dissidência, um desequilíbrio para a funcionalidade desses sistemas, pois a manutenção do sistema sexo/gênero do Ocidente implica em uma cisgeneridade heteroreprodutiva. Assim, o vocábulo queer, palavra anglófona surgida no século XVI para representar estranho, peculiar, excêntrico, passou a adquirir uma carga semântica direcionada à alteridade de corpos LGBTQIA+. A palavra queer se tornou pejorativa, enfaticamente a partir do século XIX, para designar pessoas não cisgêneras e não heterossexuais, ou que assim aparentam ser. Na segunda metade do século XX, com a radicalização e a formação de espaços comunitários para pessoas LGBTQIA+, o queer foi uma palavra que passou a ser reivindicada e utilizada por pessoas não cisheteronormativas para designar um posicionamento político claro de não assimilação. Ou seja, a identidade queer seria uma focada em desmantelar as estruturas desiguais de poder do capitalismo e da sociedade ocidental, menos direcionada à conquista de

⁴ Butler se aprofunda nessas perspectivas teóricas em obras posteriores, em especial “Corpos que importam: os limites discursivos do ‘sexo’”. Com primeira publicação em 1993, *Corpos que importam* brinca com a semântica da palavra matéria e importância em inglês (*matter*) a fim de expandir a noção de concretude atrelada à experiência do gênero. Importar e ter matéria seriam qualificações direcionadas aos indivíduos adaptados à performatividade e a expressão de gênero concreta, relegando o queer a não só a negligência, mas a um estado imaterial.

direitos legislativos ou a aceitação de pessoas heterossexuais, mas conectada à uma perspectiva revolucionária da sociedade.

O movimento queer não considera o gênero como uma característica inerente ao sujeito, mas sim como uma implicação categórico-discursiva reforçada sobre os corpos. Como termo guarda-chuva, a denominação queer não corresponde a uma orientação sexual ou a uma identidade sexo/gênero, mas sim a uma desidentificação com a cisheteronormatividade compulsória da sociedade ocidental. Portanto, o ser queer é, acima de tudo, identidade política. Como aponta Preciado (2020, p. 145), fechando sua crônica “Catalunha Trans”:

A batalha, portanto, começa com a desidentificação, com a desobediência, e não com a identidade. Riscando o mapa, apagando o nome para propor outros mapas, outros nomes que evidenciem sua condição de ficção pactuada. Ficções que nos permitam fabricar a liberdade.

A aceitação do termo possui algumas contextualizações importantes. Em primeiro lugar, a epidemia de AIDS dos anos 1980, que foi deliberadamente isolada por estruturas de poder, com participação enfática da mídia, sobre corpos queers, em especial de homens gays, fez com que a radicalização da identidade de pessoas não-cisheteronormativas passasse a ser uma mentalidade dominante. Com os horrores das mortes deliberadas e discursos eugenistas e higienistas sobre a promiscuidade e perigos das experiências gays, a perspectiva de assimilação perdeu seu apelo e o desejo de conciliação deu lugar a uma raiva autoprotetora.

Em segundo lugar, os avanços dos meios de comunicação e sua decorrente democratização dos saberes permitiu a novas corpas a oportunidade de lerem, aprenderem, escreverem e terem suas histórias conhecidas. Por fim, a segunda metade do século XX é enfática em suas transições ocasionadas pelas revoluções sexuais das mulheres e de tecnologias farmacológicas para maior liberdade dos corpos. Dessa aceitação da condição de diferenciação em relação ao ordenamento social em voga, a identidade queer produz a sua epistemologia revolucionária de negação e reestruturação do ordenamento social a partir do grande diferenciador social que é a atribuição do sexo/gênero. A partir do estabelecimento de condições do dialogável, com referências e interpretações próprias das epistemologias filosóficas dominantes do ocidente, o movimento queer aponta a identidade, em especial a do sexo/gênero, como uma categoria em transição, uma atribuição sobre o sujeito, mais do que uma verdade anatômica e/ou essencialista. Mais ainda, o ser “queer” não equivale com exatidão a uma identidade, pois sua delimitação é contraditória a própria natureza auto expandida fora da norma do sistema sexo/gênero. O queer seria, portanto, a corporificação da nova epistemologia do sexo e do afeto.

A questão remanescente com as considerações e avanços da terceira geração do feminismo, movimento reforçado a partir dos anos 1990, seria como escrever, registrar experiências queer, não-brancas, subalternizadas pelas estruturas dominantes do conhecimento. Tais pesquisadores feministas, conforme seus questionamentos crescentes sobre a relevância e as dinâmicas de funcionamento do gênero, descobriam novas formas e experiências com seus corpos e os significantes a eles atribuídos. Hoje, Judith Butler é legalmente considerada como pessoa não-binária pelo estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Nesse cenário, como produzir uma epistemologia atada ao concreto, ao corpo, à experiência do real e ainda capaz de ser poética, negando as metafísicas do falo freudiano e os espetáculos da farmacopornografia?

4 A AUTOTEORIA COMO FONTE DE CONHECIMENTO QUEER

A escritora, curadora, artista e PhD em literatura inglesa e graduada em práticas de curadoria Lauren Fournier, em sua obra “Autotheory as Feminist Practice in Art, Writing, and Criticism”, oferece um apanhado histórico interdisciplinar da autoteoria enquanto tradição literária. Enfatizando “Os Argonautas” de Maggie Nelson e “Testo Junkie” de Paul Preciado como duas das mais relevantes obras de autoteoria contemporânea, Fournier reconhece que durante toda a história da filosofia feminista a autoteoria pode ser encontrada em artes performáticas, *body art* e práticas conceituais de arte, além dos escritos intersecionais feministas de mulheres não-brancas como de Gloria E. Anzaldúa, Cherríe Moraga e Audre Lorde.

A pesquisa de Fournier aponta a autoteoria como um termo de descrição apropriado para trabalhos que se excedem, transcendem as categorias de gêneros literários existentes e que florescem em sua interconectividade entre pesquisa e criação. Para ela, a autoteoria é um espaço de mobilização entre a teoria e a autobiografia a que artistas e escritores se referem devido à sua característica inata de questionamento das epistemologias dominantes e sua capacidade de permitir a construção de novas formas de teorizar e compreender suas vidas. Dentre as discussões suscitadas por Fournier em relação à popularização e legitimação da autoteoria, creio ser importante citar a relação do capital cultural da teoria e o poder de sua circulação, as políticas de gênero e identitárias ligadas à noção de “narcisismo” e a continuada crítica “narcisista” sobre minorias sociais, e os limites e as possibilidades da autoteoria como como um modo subversivo ou transformativo de crítica ao poder institucional. Fournier descreve, simplificadamente, a autoteoria como “uma integração do

auto ou do ‘eu’ com filosofia ou teoria, habitualmente em formas que são diretas, performativas ou autoconscientes”⁵ (FOURNIER, 2021, p. 16, tradução nossa).

Essa definição é seguida de uma série de questionamentos sobre sua viabilidade técnica no que se refere ao conhecimento como teórico e crítico e quem é responsável por validar esse conhecimento como sendo digno dessas categorias. Questionamentos, por sua vez, que são diretamente conectados à condições históricas coloniais, patriarcais e etnocentricamente brancas. No caso específico de Preciado e dessa monografia, o corpo queer é historicamente patologizado pela medicina e pela psiquiatria, criminalizado pelo direito e pelas esferas políticas, inviabilizado e vilanizado pela mídia e suas tecnologias. Desses condições, nasce a necessidade de uma perspectiva coletivizada do conhecimento e da experiência de indivíduos negligenciados e/ou violentados pelas estruturas do saber na sociedade ocidental. A autoteoria seria uma das formas de suprir a necessidade de uma sabedoria compartilhada.

Meu objetivo com essa monografia é argumentar a tradução da autoteoria como uma prática de produção jornalística, em especial por meio do jornalismo de crônicas, a partir dos escritos de Paul Preciado compilados na obra *Um apartamento em Urano*. Por meio das possibilidades inerentes à autoteoria e suas dissidências, convoco a ideia de ser possível pensar em um jornalismo no contexto do capitalismo tardio em que o jornalista e seu material jornalístico sejam não apenas transparentes, mas também que se abdique da noção equivocada de um sujeito universal ou de um local de enunciação imparcial e meramente informativo, a fim de oferecer ao público uma descontinuidade das metafísicas das representações do real a que são características a dominação semiótico-técnica da fármacopornografia a que o jornalismo, enquanto linguagem midiática, se dispõe.

5 DO URANISMO À IDENTIDADE TRANS: O SER TRANSFORMADOR EM “UM APARTAMENTO EM URANO”

A introdução da obra “*Um apartamento em Urano*” é marcada por uma espécie de fábula recontada por Preciado sobre um sonho que teve em que, possuindo um apartamento em cada planeta do sistema solar e conversando com uma corretora de imóveis, decide discordar de sua sugestão e se recusar a abrir mão de seu apartamento em Urano. Para explicar sua decisão, Preciado evoca a imagem de Karl Heinrich Ulrichs, advogado do século XIX que cunhou para si próprio o termo uranista/uraniano ao se referir a sua divergência

⁵ “*Most simply, autotheory is the integration of the auto or “self” with philosophy or theory, often in ways that are direct, performative, or self-aware*”.

sexual de sentir-se atração pelo mesmo sexo. Ulrichs defendeu seu caso em favor do uranismo, hoje habitualmente denominada homossexualidade, através de diversos ensaios biográficos e acadêmicos sobre relações homoafetivas e o amor, podendo ser considerado, também, um dos nomes da autoteoria. A autoteoria em Ulrichs seria consequência de seu comprometimento pelo reconhecimento dos uranistas em escritos que relacionavam suas próprias experiências a conhecimentos teóricos-jurídicos, assim conciliando suas experiências individuais enquanto pessoa marginalizada e apagada judicialmente com a linguagem técnico-jurídica de sua época. A decisão de Ulrichs reflete como a autoteoria provém de uma necessidade de validação, não por uma necessidade de uma aprovação moral do sistema sexo/gênero, mas sim que essa aprovação é central para evitar ser o foco da violência coodernada e impetuosa da norma.

Não é nenhuma coincidência que Preciado se refira à uma figura queer do passado para construir toda a identidade de sua obra. Assim como em seu longa-metragem, em que ele se utiliza do personagem fictício de Orlando, de Virginia Woolf, para falar sobre identidades trans e sobre o que seria o cisheteropatriarcado do Ocidente, em “Um apartamento em Urano” a escolha do autor de continuar com seu lugar no planeta que é símbolo da estranheza, da diferenciação, dos excluídos, de uma das primeiras nomenclaturas modernas para o ser dissidente da cisheteronormatividade, é uma forma de evitar abrir mão do caráter histórico da vivência queer e seus entrelaços com sua própria experiência. Preciado é mestre em reconhecer que sua identidade trans queer só é possível enquanto decorrência de outros pioneiros que enfrentaram a alteridade para que fosse possível construir as epistemologias dissidentes de hoje e constantemente evoca seus nomes e suas contribuições não apenas como ídolos, mas também como força motivadora e como referência poética.

Por todas as crônicas presentes em “Um apartamento em Urano”, passando por suas outras obras escritas e seu filme, Preciado nunca tenta aderir a uma forma de cientificismo ou se propõe a conciliar suas reivindicações com uma manutenção da cisheteronormatividade através de uma legitimidade científica. Sempre reconhecendo a ciência como inherentemente política e também as fronteiras do mundo como violência, é por meio da poética que ele identifica, abrange, reitera a transgeneridade e que considera as dinâmicas da existência do ser humano. Essa é uma das principais declarações presentes em Orlando: “A primeira metamorfose revolucionária é a poesia, a possibilidade de mudar o nome de todas as coisas, inclusive o nome próprio” (Orlando: minha biografia política, 2023, 23min56s).

Partindo dessa noção de poética, Preciado reitera que as estruturas sob as quais os Estados nacionais contemporâneos estão fundados seriam ficções políticas. Essas ficções, por

sua vez, definem os parâmetros legais para a existência do ser humano em sociedade. É por meio delas e de suas documentações, nomes, sobrenomes, hierarquias e burocracias que o Estado legitima a marginalização de corpos dissidentes. Ao evocar a história de Ulrichs, Preciado reitera, utilizando a primeira pessoa do singular, que sua história é a minha história, que também se encontra em defesa de si mesmo, imerso nas opressões da cisheteronormatividade. Ao reafirmar que as noções antagônicas de homossexualidade e heterossexualidade, cisgênero e transgênero, são meras ferramentas epistemológicas para a fundamentação biopolítica do capitalismo, Preciado (2020, p. 56) oferece uma resposta para o que seria sua identidade:

Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. Sou um uranista confinado nos limites do capitalismo tecnocientífico.

A utilização do termo uranista como signo de autodefinição nessa frase reitera o efeito buscado por Preciado em toda sua epistemologia queer de que a experiência queer é compartilhada, a história do queer é também sua história, minha história. Ser uranista é ser queer em definições primárias, na primeira forma acadêmico-teórica do termo a ser auto-atribuído a uma corpa dissidente encarcerada, presa pelos limites da binariedade e dos conformes da heteronormatividade.

A partir desses preceitos, a noção do ser e a noção de agência do indivíduo são fundamentados na estrutura de *Um Apartamento em Urano*. A epistemologia base da obra tem por referência não o uso da noção cerrada de identidade, mas sim da travessia, ou seja, dos termos de relação e do potencial de transformação dos conteúdos abordados. Assim como em *Dysphoria Mundi*, o autor se compara, se metamorfoseia em diferentes estruturas, de cidades à acontecimentos, por meio de analogias, compilados de informações e narrações. O ser enquanto travessia é fugidio, mas pode ser testemunhado por toda a poética da escrita.

A fim de desvirtuar a noção de identidade, Preciado com frequência desmantela os princípios do que se é proclamado como natural, denominação atribuída ao embasamento de uma moralidade que se falseia como sendo cientificamente embasada. As ideias de um corpo natural, uma parentalidade natural, dos limites bioquímicos do ser são conceitos constantemente em disputa com o desenvolvimento da biologia evolutiva do desenvolvimento, da engenharia genética e da bioinformática. Tais sistemas de identidade não seriam reconhecidos como entidades ontológicas, mas sim como “relações de poder,

sistemas de signo, mapas cognitivos e regimes políticos de produção da vida e da morte” (PRECIADO, p. 79, 2019).

Em sua crônica, “As gorilas da República” (PRECIADO, 2020, p. 87-90), o autor aponta a noção de identidade como ferramenta cooptada pelas forças da política heterocolonial a fim de ocasionar fissuras e desentendimentos entre populações dissidentes. Esse discurso neonacionalista propõe um embate entre civilidade e incivilidade, humanização e sub-humanização. Assim como em sua palestra “Eu sou o monstro que vos fala: discurso para uma academia de psicanalistas”⁶, Preciado clama ao leitor para uma desarticulação da ideia higienista e asséptica de humanidade como superior à animalidade e a incivilidade por meio do “rechaço às classificações subjacentes à epistemologia colonial” (PRECIADO, 2020, p. 90). Assim, o transformador da experiência dissidente não equivale a uma forma de pureza ou humanização do corpo queer, mas sim a um chamado para a aceitação do caráter incerto da experiência humana e da negação das ferramentas de dominação do mundo colonial.

A identidade transdissidente não equivale apenas a uma estruturação dentro dos sistemas epistemológicos vigentes, mas sim a uma redefinição completa dessas estruturas. A experiência queer⁷ não é uma identidade no sentido encerrado, concreto, da palavra como questão estética, ou como definição política, mas sim como o desmantelamento das estruturas de diferenciação propostas pelo sistema binário sexo/gênero e pelos outros sistemas de humanização e subhumanização para o funcionamento do ocidente colonial. A prevalência categórica da cisheteronormatividade implica na existência das corpos fora dessa norma e nas violências a que são submetidas como forma de manutenção social. A teoria queer e a escrita de Preciado propõem uma auto-identificação que se afaste do utilitarismo heteroreprodutivo e da performatividade coercitiva e inconsciente de gênero em direção à poética da experiência humana fora da norma.

6 TORNAR-SE PAUL: DA TRANSIÇÃO

A transição de gênero, na experiência relatada pelas crônicas de Preciado e seu microcosmo de experiências, menos se assemelha a uma epifania resultando em uma

⁶ A palestra “Eu sou o monstro que vos fala” também veio ao Brasil como encenação teatral em 2024. Com ênfase na declamação crua de diferentes artistas trans e não bináries, em uma forma de coro, a fim de simular e expandir os acontecimentos da palestra ocorrida em 2019. A peça foi apresentada para o Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas no SESC Santos.

⁷ Creio ser relevante reiterar que a desidentificação inerente ao queer não significa uma aversão e/ou recusa a identidade, mas sim um reforço da identidade como caráter transitório e de maior liberdade do sujeito. A desidentificação não é uma negação da identidade, mas sim da noção de identidade como definidora e restritiva.

completa reconfiguração de si, mas sim a um desenvolvimento contínuo, desde uma infância queer, de uma personalidade questionadora. De uma jovem categorizada como lésbica a sua oficialização como homem trans, Paul descobre por meio da literatura e da leitura a possibilidade de reconhecer outras existências possíveis.

Após a passagem de “Quem protege a criança queer?” (PRECIADO, 2020, p. 69-73), Preciado decide manter as crônicas em sua ordem de publicação a fim de respeitar a cronologia dos eventos que se desdobraram durante a oficialização de sua transição de gênero. Entre os anos de 2013 a 2018, o autor narra suas experiências com a burocracia dos Estados-nação, as avaliações transfóbicas em aeroportos, suas transformações físicas, a mudança na percepção alheia do papel de gênero a ser interpretado. Essa experiência de questionar, defrontar os limites estabelecidos sobre as corpos e suas alterações físicas fora da norma cisgênera também estão explicitadas em sua obra *Testo Junkie*.

No escopo dessa transformação, essas experiências se entranham com a ambientação política de seu tempo. Uma das comparações mais frequentes na obra é a de seu corpo trans em travessia com o corpo imigrante, em especial o corpo imigrante ilegal, questionador das fronteiras estabelecidas pelos Estados-nação. Desde as primeiras crônicas da coletânea, o livro promove uma relação de intimidade com o autor por meio de uma partilha de ilegalidade e de anarquia. Ao utilizar da exposição em primeira pessoa e do compartilhamento de informações pessoais, enquanto minoria política transgressora das estruturas trans excludentes, a autoteoria em *Um apartamento em Urano* é também denúncia da criminalização do corpo marginalizado, da burocratização predatória de suas existências, da negação de suas liberdades.

Assim, o corpo trans e o corpo migrante ilegal se entrelaçam em relação a dissidência do funcionamento dos estados nacionais no Ocidente. A ausência do registro de cidadania, do reconhecimento da autonomia do corpo, a invisibilização enquanto indivíduo que possa usufruir de serviços públicos são algumas das violências a que esses corpos são submetidos em razão de suas violações. Como em *Testo Junkie*, Preciado aponta na obra as formas como a indústria farmacêutica e a burocracia médica mantém as corpos trans reféns de auto identificações errôneas ou fórmulas menos eficazes de hormônios. Essas formas de violência são decisões arbitrárias, apagamentos da experiência trans desses espaços e uma negação de suas vontades.

A transição acompanhada pela obra, e consequentemente a existência literária compartilhada do autor, não acontece em um espaço sem contradições. Constantemente, Preciado se posiciona e apresenta suas percepções e referências pessoais, não se eximindo de

responsabilidades. Logo na introdução do livro, o autor comenta sobre o caso de apropriação colonial cometida por ele ao, enquanto cidadão espanhol, se autodeclarar inicialmente com o nome Marcos, influenciado pela importante figura política da militância zapatista. Após esse episódio, decide optar pelo nome Paul, mas em seu caso em particular, Preciado não tenta apagar seu nome anterior à sua transição, colocando-o como segundo nome próprio. Dessa forma, nos critérios levantados por ele, a grafia convencionada por ele de seu nome se dá com o seu segundo nome abreviado, como Paul B. Preciado.

Em outro episódio, Paul é alvo de críticas e de controvérsias por parte de conhecidos, amigos e leitores ao expor o término de seu relacionamento com a escritora Virginie Despentes, figura renomada do feminismo francês e responsável pelo prefácio do livro. A colocação de Preciado em escrever sobre o amor e explicitar detalhes de sua vida pessoal face à desilusão amorosa possui diferentes perspectivas interpretativas: por um lado, é uma decisão que pode ser lida como coercitiva e vexatória para Virginie Despentes, colocando-a em uma exposição potencialmente mal encarada por pares e leitores, e, por outro lado, pode também ser interpretada como uma entrega do autor à dimensão da escrita auto-teórica queer ao tratar sobre o amor, a relação afetiva entre dois símbolos internacionais do feminismo e das teorias de gênero.

É também nas relações interpessoais que as transformações são percebidas. Em uma crônica posterior cronologicamente, *Happy Valentine's* (PRECIADO, 2020, p. 148-151), Preciado argumenta que sua percepção sobre o amor romântico foi transformada, assumindo maior criticidade em relação a envolvimentos românticos, denotando assim que a travessia também se trata de dimensões culturais e psicológicas. Dessa forma, a transição a que Paul se submete é dificilmente submetida a qualquer limitação ou definição quantitativa ou qualitativa. O caráter interseccional da experiência queer com a existência política fazem com que a autoteoria seja uma descrição dos eventos capaz não só explicitar o indivíduo enquanto enunciador, mas também a multiplicidade transgressora, quase ilegal, da experiência da dissidência de gênero como revolução em curso.

7 O SUL NÃO EXISTE: AUTOTEORIA E PRECIADO NO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DO SUL GLOBAL

Próximo ao desfecho do livro, Preciado acrescenta a crônica *O Sul não existe* (PRECIADO, 2020, p. 282-284). Se referindo ao pensamento anticolonial de Aníbal Quijano, Silvia Rivera Cusicanqui e Walter Mignolo, o título da crônica é sua tese de que o Sul global

“não é um lugar, mas antes o efeito de relações entre poder, conhecimento e espaço” (PRECIADO, 2020, p. 283). O sul seria uma ficção política violenta e insuficiente para as dinâmicas e a diversidade e multiplicidade presente nos países que carregam esse significante. De forma similar, a apenas algumas páginas anteriores, no mesmo livro, há outra crônica que carrega o título *Meu corpo não existe* (PRECIADO, 2020, p. 223-225). Em ambas interações, essa negação do existir se apresenta como uma negação do empirismo, das bases do conhecimento ocidental e uma exposição de suas limitações. O existir, nessas condições, seria um consenso social-político de que algo é carregado de direito, de moral de ser declarado como existente. Para esse existir, é necessário estabelecer definições e definir sacrifícios a serem impressos sobre diferentes categorias. Desse modo, o Sul, o corpo trans, a experiência queer, habitam o estranho espaço entre existirem e inexistirem, teoricamente, burocraticamente, epistemologicamente. Suas existências são minadas, destruídas, violadas e violentadas pelo colonialismo, pelo cisheteropatriarcado, pela estruturas de opressão a que são submetidas.

Em crítica a algumas das maiores referências epistemológicas de Paul Preciado, de Foucault à Deleuze e Guattari, a teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak publicou o ensaio “Pode o subalterno falar?” em 1985. Ao afirmar que a epistemologia europeia não é produzida de forma neutra em relação à população de países subdesenvolvidos, o texto trata da violência epistemológica colonizadora a que países como Índia e quaisquer outros do Sul global são submetidos, a forma como seus povos são sub-humanizados e seus conhecimentos ignorados, questionando se seria possível para a academia, ao tratar dos países do sul global, escutar as vozes e considerações da população local.

O ensaio é um importante referencial na tentativa de conciliação e tradução entre o cenário teórico internacional e a vivência de populações do Sul global, apesar da tese de Spivak ser uma resposta negativa à sua própria pergunta-título. No âmbito específico da experiência queer, apesar da dissidência de gênero e da sexualidade ser uma experiência compartilhada, ela ainda é suscetível a importantes contextualizações e interseccionalidades, nesse caso em especial sobre violências coloniais e apagamentos históricos. Isso exposto, a autoteoria que Preciado utiliza como ferramenta é observada em diferentes comunidades minoritárias e há nomes do sul global e sulamericanos que utilizam das práticas da autoteoria como forma de promover suas demandas e reconfigurar suas próprias epistemologias.

Apesar das origens e referências europeias de Preciado, o autor e Spivak concordam na existência de uma violência epistemológica por parte dos circuitos acadêmicos do Ocidente contra corpos subalternos/dissidentes e constantemente tentam destruir as

perspectivas maniqueístas em que o saber ocidental é baseado (eu x outro, ocidente x oriente, homem x mulher, entre outros). Em “Um apartamento em Urano”, Preciado faz menção à Spivak no texto “A coragem de ser você mesmo” para tecer uma crítica à sua noção de “linguagem da identidade estratégica”. Para ele, é necessário superar os circuitos de dominação da linguagem, a fim de permitir uma primeira emancipação cognitiva (PRECIADO, 2020, p. 144). Essa emancipação viria como consequência da conclusão de que “o sexo e a sexualidade não são propriedades essenciais do sujeito, mas antes o produto de diversas tecnologias sociais e discursivas, de práticas políticas de gestão da verdade e da vida” (PRECIADO, 2020, p. 144).

Em *Eu sou o monstro que vos fala*, Preciado denuncia constantemente a condição de minoria, de corpo dissidente promovido pela história da psicologia e mantido até a contemporaneidade. Comparando-se ao macaco Pedro Vermelho do relato ficcional de Franz Kafka “Um relatório para uma academia”, Preciado (2022, p. 15) faz uma importante denúncia sobre a epistemologia ocidental.

A maior parte dos textos e práticas psicanalíticas giram em torno do poder discursivo e político desse tipo de animal: um animal necropolítico que vocês tendem a confundir com o ‘humano universal’ e que, permanece, até o presente, o sujeito da enunciação central nos discursos e nas instituições psicanalíticas da modernidade colonial.

Condenando o evento sobre mulheres na psicanálise, que semanticamente posiciona as mulheres como seres excêntricos a serem melhores estudados pela abordagem psicanalítica, ele questiona a epistemologia e a linguagem da diferenciação sexual vigente. Em “Manifesto Contrassetual”, Preciado cita Freud constantemente para questionar, zombar, desvirtuar suas noções quanto ao Falo, quanto à inveja do Falo, à dominação masculinista e genitalista da realidade ocidental em que ele é um dos nomes exponenciais. O monstro, portanto, seria o corpo, a pessoa não cisheteronormativa, a ameaça personificada, o Outro definitivo.

Nesse ínterim, com a popularização da crítica do subalterno, dissidente em relação ao discurso dominante e suas mazelas, é comum o surgimento de falácia discursivas para diminuir, desconsiderar o valor da crítica apresentada, em especial daquelas denominadas narcisismo e identitarismo. O narcisismo e o identitarismo são ferramentas de iguais descredibilização, porém utilizadas em contextos epistemológicos diferentes: a perspectiva da nomenclatura “narcisista” é utilizada em contextos acadêmicos com frequência contra minorias sociais como forma de diminuir a proposição, a contribuição apresentada por elas ao argumentar que sua colocação teórica é egoísta, desimportante, irrefletida numa espécie de

realidade material do conhecimento. Enquanto isso, a noção de identitário é mais utilizada em contextos políticos da batalha por direitos sociais. Igualmente detritual, ela reflete como a categoria dissidente em questão, como um todo, se torna desimportante num esquema maior das coisas, geralmente de uma classe trabalhadora metafórica transcendente que deveria ser privilegiada no lugar do identitário. É nesse contexto sociopolítico e epistemológico que a autoteoria surge como uma possibilidade cabível de não exatamente buscar reconhecimento dos pares, mas de manifesto, protesto e direito ao arquivamento de suas próprias experiências dissidentes da norma.

Pensando a discussão num âmbito brasileiro, a escritora Conceição Evaristo e sua prática denominada Escrevivência evidenciam a experiência de raça e de gênero como fundante em sua produção literária. A escrevivência é uma proposta de epistemologia afrodescendente contra-hegemônica que “complexifica o lugar do escritor literário e é capaz de apontar perspectivas múltiplas para a literatura” (RIBEIRO, GIRALDI, CASSIANI, 2021, p. 2), no caso em especial em relação à representação e ao local ocupado por mulheres negras na sociedade brasileira.

Similarmente, a produção literária favelada de Carolina Maria de Jesus, em relato autobiográfico, também coloca em evidência a condição marginalizada e interseccional entre as experiências da pobreza extrema, da violência de gênero e do racismo. O reconhecimento dessas interseccionalidades e temáticas não deve, no entanto, sobrepujar o reconhecimento da potencialidade criativa e profundidade temática da obra de Carolina Maria de Jesus. A própria Conceição Evaristo, ao analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, enfatiza como a escrita da autora é caracterizada por uma relação de experimentação com a escrita, de um processo de criação através do arranjo textual. Esse processo, no entanto, é permeado constantemente pela relação de sua existência com a violência de sua condição social. A autoteoria e as produções textuais de minorias sociais tendem a enfatizar o local de enunciação e de produção teórica, e assim tendem a ser analisadas como produções escritas teoricamente pobres e menos clássicas do que a contraparte realizadas, majoritariamente, por um sujeito universal branco cisheteronormativo neurotípico que define a norma da alta literatura e da máxima teórica a partir de uma experiência tanto de indivíduo quanto de autor ausentes de embates com a violência sistêmica da necropolítica.

Também no contexto sul-americano, a autora argentina Camila Sosa Villada se destaca por sua literatura que mistura o autobiográfico e o divino de modo a colocar em exposição a sua vivência como uma mulher trans no contexto geopolítico da Argentina. Em “O Parque das Irmãs Magníficas”, Camila Villada mistura simbologias de divino com uma

narrativa crua sobre a realidade das condições de violência desde a mais tenra infância, Camila Villada utiliza-se de uma auto-biografia mais evidentemente ficcional e literária para contar uma história de tons míticos sobre sua própria vida e de outras travestis.

Assim, a autoteoria de Preciado é uma interpretação, uma aplicação de um mecanismo literário-discursivo utilizado com frequência por corpos dissidentes pelo globo para apontar suas reivindicações e “tornar real”, legitimar suas experiências e visões de mundo. Mais acadêmico e teórico em abordagem do que as referências supracitadas, em *Um apartamento em Urano*, Preciado distorce, ultrapassa os limites entre a autoteoria e o jornalismo e, consequentemente, entre o jornalismo e a sua diferenciação de outras formas de produções literárias. A linguagem jornalística se caracteriza por uma valorização exponencial do real e do objetivo e, por essa razão, está fadada a falácia de uma insuficiência teórico-política, pois a linguagem jornalística tem por implicação que seria possível, de alguma forma, representar o real de modo único, negando a ideia de que existam interpretações do real e que sua enunciação, por si só, é propensa a distorções em sua assimilação.

8 A LÍNGUA DO PATRIARCADO COLONIAL: A PERSONALIZAÇÃO DO UNIVERSAL EM PRECIADO E A ÉTICA DA INSUFICIÊNCIA TEÓRICO-POLÍTICA DO JORNALISMO

Em consideração à perspectiva de que a linguagem jornalística é fadada, como qualquer outra forma de produção de conhecimento, a uma insuficiência teórico-política em sua execução, o jornalismo é condicionado a uma crise entre a imagem que tenta evocar e as condições em que ele é produzido. Como consequência do jornalismo convencional ocidental ser empresarial, tradicional e fruto das convenções epistemológicas do capitalismo moderno, dentre elas valendo evocar as correntes ideológicas do iluminismo e do positivismo, a sua representação do real é contaminada pela defesa de uma perspectiva de sociedade ocidental cisgenderpatriarcal. Como apontam Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva (2019, p. 2):

Servindo como uma das bases do jornalismo, esta racionalidade delineou as noções de verdade e credibilidade assentada em uma estrutura mental positivista, binária e simplificadora para a apreensão dos acontecimentos, partindo da negação/interdição da subjetividade nos processos cognitivos e baseando seus métodos e técnicas em estratégias (como a verificação e a prova empírica) típicas do cientificismo moderno.

Dessa forma, o jornalismo de crônicas em conjunto aos artigos de opinião e as resenhas críticas são as interpretações mais transparentes da escrita jornalística ao evitar a dissimulação do “eu” em sua produção e envolverem a subjetividade como fundamental em sua produção. Para além da utilização da subjetividade, as crônicas selecionadas por Preciado possuem um caráter transversal entre diferentes gêneros textuais. Essa escrita se caracteriza como uma amalgama de diferentes formas de linguagens: acadêmica, biográfica, narrativa, literária, jornalística e poética.

Preciado entrelaça todas essas linguagens com diferentes perspectivas temáticas, com um destaque para abordagens ligadas ao seu processo de transição de gênero. Ele narra e destrincha eventos políticos, discorre sobre suas implicações gerais e particulares, aborda sua própria vida e suas transformações, menciona diferentes terminologias acadêmicas para, dentre outras funções, oferecer uma base epistemológica de validação para o que afirma. Apesar da evidente contradição, Paul não utiliza vocabulários ou conceitos complexos como cerne de suas argumentações, mas como aprofundamentos e validações no circuito de conhecimento em que se insere. Didático de forma educomunicativa, ele esclarece sua decisão em “Eu sou o monstro que vos fala” ao se comparar com Pedro Vermelho de Kafka e afirmar “aprendi, como Pedro Vermelho, a língua de Freud e Lacan, a língua do patriarcado colonial, a sua língua, e estou aqui para falar com vocês” (PRECIADO, 2020, p. 14).

Para resistir à violência epistemológica do Ocidente contra corpos queer e dissidentes, Preciado se utiliza da escrita da autoteoria, abordagem que se inicia no “eu” para atingir o comunitário. Sua escrita sempre pontua o lugar de sua enunciação, o espaço em que se coloca tanto como observador do mundo ao redor quanto como participante do sistema sexo-gênero em voga. Preciado nega constantemente e com veemência a tendência acadêmica de atribuir um caráter transcendente ao diálogo, sempre tendendo ao concreto, ao real, ao corpo. O autor não inventa sujeitos metafóricos ou condições metafóricas de existência, ele conta histórias. De si mesmo, de conhecidos, de outras pessoas trans.

Esse norte discursivo promove uma forma de personalização do universal, servindo de contraponto ao sujeito universal jornalístico e sua tendência a se assimilar ao sistema ocidental da supremacia branca cisheteropatriarcal. Como expõem Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva (2019, p.5):

A partir de um paradigma (moderno/colonial/positivista), de um sistema mundo capitalista, masculinista, racista, heterossexista, ocidentalista (GROSFOGUEL, 2012) e de uma epistemologia colonialista que se estabeleceriam as balizas dos saberes produzidos para que sejam entendidos como verdade.

Portanto, o verdadeiro, o real, o existir, são todas convenções contaminadas por uma ideologia do conhecimento, uma epistemologia, que tem por base os sistemas desiguais de mundo em voga. O conhecimento queer, o corpo dissidente, as perspectivas eliminadas da equação do conhecimento, são escondidas, evitadas, assimiladas em generalizações absurdas como o seria a ideia de um sujeito universal. Essa ferramenta descritiva tão utilizada pela linguagem jornalística é destruída na crônica auto-teórica de Preciado que utiliza da existência pessoal queer para atingir um espaço comunitário.

A particularização do universal é a defesa de que a existência das designações totalizantes do sujeito, abarcadas nas noções de “homem” e “mulher”, são insuficientes e violentas para a experiência individual. A autoteoria de Preciado se apresenta como uma das formas de resposta a essa contradição e de promover conciliação e conflito constante entre a categoria da experiência e o teórico abstrato ocidental. No Universo discursivo jornalístico, convencionou-se uma produção textual tão padronizada que a regra de escrita para textos jornalísticos é que todos pareçam ser escritos por uma mesma pessoa, um mesmo agente. Esse agente, por sua vez, sempre age em defesa do funcionamento da sociedade heteropatriarcal colonial cisheteronormativa.

É importante frisar como a crônica é uma proposta em primeira pessoa e como essa primeira pessoa é libertadora para a experiência queer. Não há um sujeito universal queer senão a própria multiplicidade de experiências. A escrita exímia de pessoalidade e de auto inserção clara sempre se dá como uma tentativa performática de validação das estruturas discursivas, nesse caso, do jornalismo em construir uma narrativa universal descritiva apolítica. Apesar dos avanços teóricos na crença de que o jornalismo não se é produzido em um vácuo epistemológico e linguístico na profissionalização da área, o mito de que a maneira correta de se fazer jornalismo é, de alguma forma, se eliminando enquanto enunciador e praticamente parindo uma mensagem para além de si ainda é dominante no imaginário coletivo. É desse mito que se originam alguns dos maiores desafios de qualidade do jornalismo já presenciados, como o jornalismo declaratório e a impunidade e acriticidade jornalística.

Uma exceção à regra da objetividade e imparcialidade como critérios de qualidade jornalística seria o que se denomina jornalismo literário. Com pautas frias, autoria mais clara e nomes expoentes no Ocidente como Truman Capote, Annie Ernaux e Gay Talese, o jornalismo literário é uma forma consagrada de fazer jornalismo sem atender aos critérios de massificação comuns ao jornalismo empresarial diário. O propósito do jornalismo literário, ao mesclar o impulso informativo do jornalismo com a subjetividade e interatividade da

literatura, produziu grandes obras que também não existiram em ambientes avessos de suas próprias contradições. Desde “A Sangue Frio” de Capote até “O Voyeur” de Talese e outros nomes desses autores e outros jornalistas evocavam críticas e problemáticas sobre o envolvimento desses autores com os acontecimentos, suas responsabilidades quanto à veiculação dessas informações e potenciais insensibilidades ao misturar o real com a narrativa ficcional. Apesar das similaridades do jornalismo literário e da autoteoria, a centralidade do narrador na narrativa é um dos principais pontos de discordância entre essas formas de texto. O jornalismo literário ainda possui a pretensão informativa de uma literatura sem autor, exceto quando brevemente exposto em notas do autor ou introduções ao tema suscitado. A autoteoria é a exposição contínua de perspectivas e considerações de existência de seu autor, em especial enquanto pessoa queer de epistemologia dissidente.

Em decorrência da popularização de uma mentalidade avessa à ideia de personalização na comunicação social, o questionamento que surge em relação à crônica e ao texto jornalístico politicamente posicionado é se ocorreria um paradoxo narcisista. Se, ao assumir sua posição enquanto enunciador, o jornalista seria blindado por suas percepções e incapaz de atingir a suposta verdade que deve ser atingida pela objetividade.

Ainda que a história acadêmica do Ocidente seja palco de um revisionismo histórico, seja nos ideários racistas, LGBTfóbicos e excludentes presentes em áreas do conhecimento como psicologia, medicina, geografia, entre outras dimensões do saber, o jornalismo segue inafetado e avesso à autocrítica no que diz respeito a ideia de sua objetividade. Ainda que exista uma proposta crítica das ideias de objetividade e imparcialidade para o jornalismo, ainda se é popularizado o argumento, o ideário de que seria possível atingir uma pureza da informação se o profissional for capaz de ser apenas objetivo, descritivo, evitar adjetivos, citar palavra por palavra de seus entrevistados.

Enquanto o denominado “quarto poder” da história moderna e do surgimento dos Estados-nação democráticos, o jornalismo é a ferramenta de disseminação da linguagem, dos discursos e do agendamento das pautas a serem debatidas pela população. Com o avanço das ferramentas de comunicação tecnológicas e a tendência de camadas populares a se radicalizarem e se informarem por ferramentas como o Whatsapp e o Telegram, os altos valores de financiamento e produção de projetos fascistas como o Brasil Paralelo, além do avanço tecnológico recente das ferramentas de inteligência artificial e suas produções de texto, levanta-se um questionamento sobre o que significa produzir jornalismo nesse cenário. Como pode o profissional de jornalismo ser mais rápido ou mais rentável do que uma ferramenta gratuita de produção de texto imediata? Ou como pode, seguindo os preceitos de

objetividade e imparcialidade, possuir o mesmo apelo e impacto das mídias de extrema-direita, que não possuem qualquer escrúpulo com a noção de verdade ou evidências? É possível argumentar que o jornalista, assim como o acadêmico, é voz de uma condescendência autocomplacente em busca de enunciar uma verdade informacional cristalizada.

Ao afirmar buscar a objetividade e imparcialidade, o jornalista se ausenta da responsabilidade e das consequências inerentes de seu discurso como reflexos da realidade. Negando a noção de recorte, o jornalista se afirma como um representante do real. Qual seu público? A quem interessa um conteúdo produzido dessa forma?

Uma das respostas mais comuns a esse questionamento é que a escrita jornalística deveria ser para todos. Esse discurso geralmente é acompanhado da defesa da escrita jornalística como simples e direta, principalmente para poder atingir pessoas de baixa escolaridade. Dessa ideia, o jornalismo não poderia ser contraditório, mas ao mesmo tempo deveria ser capaz de apresentar os possíveis dois, ou mais, lados de um acontecimento. Esse paternalismo é característico de uma forma messiânica e de prestígio moral do jornalista como representante do progresso. É uma ramificação discursiva dos apelos do iluminismo e suas colonizações e seus imperialismos. O estranhamento do mundo, a indignação, a incompreensão são importantes fenômenos de mobilização social. Tornar o jornalismo palatável é, em essência, uma estratégia comercial. Afirmar-se como posicionado ao centro de toda pauta, de todo espectro, serve para tentar atender e vender a todos. Preciado escreve com frequência sobre seus estranhamentos, sobre convenções consideradas óbvias mas que a ele são incompreensíveis em funcionamento, exceto se sua única justificativa for a manutenção de hierarquias e opressões.

De maneira similar, Judith Butler questiona a manutenção dessas hierarquias ao apresentar suas críticas à binariedade de gênero. Em “Problemas de gênero”, ela aponta como contraproducente a tendência de certos círculos feministas e de estudos de gênero em construir uma noção anterior ao tempo do que seria a masculinidade e a feminilidade e suas relações. Defendendo a ideia do gênero apenas como performatividade, diferentemente de uma condição anatômica, de uma verdade do sexo, mas sim como um efeito causal do reencenamento contínuo de expectativas sociais, Butler menciona a arte drag como exemplo de como se dá a subversão desses papéis, dessa performance e expectativas de gênero.

Preciado apresenta críticas ao pensamento de Butler no que concerne à concreticidade da experiência de gênero. Para além da performance, ele reintroduz o corpo, não como verdade anatômica, mas como um palco de controvérsias potencializadas ou minimizadas de

acordo com o julgamento dos detentores de poder estatal. Esse seria um dos pilares de sua definição de farmacopornografia, termo cunhado pelo próprio Preciado em sua obra “Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica”. Assim, a experiência da dissidência de gênero também possui raízes no poder aquisitivo quanto ao corpo, ao quanto facilitado é acesso a hormônios, cirurgias e procedimentos médicos em geral. Diferentemente de um transmedicalismo, ele reconhece a desigualdade social e as liberdades políticas dos corpos como igualmente essenciais para a definição e a volatilidade da noção de gênero, não apenas como uma questão de performance ou de absolutismo anatômico, mas de consequência das políticas públicas quanto ao corpo.

Em “preservativos químicos” (PRECIADO, 2020, p. 161-164), Preciado retoma de maneira concreta o domínio da farmacopornografia nos moldes da realidade. Ao tratar sobre a recente popularização do uso de Truvada, conhecida no Brasil como PrEP, por homens gays, ele aponta como a mentalidade de um sexo livre, por assim dizer, é atrelada a ingestão de medicamentos capazes de modificar o funcionamento corporal. A noção de natural, portanto, é meramente cativa da representação contínua de imagens e ideias de sexo *bareback* como naturalizado. Preciado inclusive utiliza de elementos irônicos como reticências para apontar como a experiência de viver em ingestão constante de PrEP não se diferencia da vida de uma pessoa com HIV em tratamento, pois ambos indivíduos são capazes de manter uma existência dita normal a partir da ingestão contínua de um medicamento.

Preciado constantemente aponta como o corpo soropositivo é um dos símbolos dissidentes do sistema sexo-gênero. A compreensão de como a soropositividade foi relacionada semanticamente e estruturalmente à dissidência do sistema sexo-gênero explicita o funcionamento arbitrário das formas de opressão arraigadas na contemporaneidade. Apesar de não ser letal como no século passado, sua disseminação e tratamento continuam sujeitas às garras necropolíticas da indiferença e da exclusão de políticas públicas.

Importante frisar que a farmacopornografia preciadiana se trata de uma redefinição e uma ramificação/desdobramento do conceito de biopoder introduzido por Michel Foucault em seu compilado da História da Sexualidade. Para Preciado, a farmacopornografia seria uma estrutura primordial do ordenamento social do capitalismo tardio, sendo um dos seus principais instrumentos a ser utilizado para o controle e a manutenção dos corpos.

Nessa tendência a neologismos teóricos, Preciado utiliza com frequência a expressão necropolítica do camaronês Achille Mbembe. A necropolítica se refere a como a estrutura vigente do capitalismo distribui desigualmente oportunidades de vida e morte entre a

população. A necropolítica não é apenas uma necessidade da fase atual do capitalismo, mas uma vontade, a fruição dos desejos das altas camadas de punirem, explorarem os subalternos.

Ao tratar de temas desde a sexualidade, violência e política, Preciado constantemente utiliza a língua, a semântica e a semiótica a seu favor. Ainda mais, utiliza terminologia de filósofos e teóricos de referência que atualizem e designem exatamente o fenômeno a que busca especificar. A crônica de Preciado é simultaneamente mais rica teoricamente, terminologicamente, e mais rica intimamente, pessoalmente do que o texto jornalístico comum. Os neologismos e os estranhamentos lexicais habitam a maioria de seus textos e são integrais para a mensagem a que se propõem apresentar. Essas propostas de diferenciação não diminuem a didática ou a qualidade informacional do texto, na verdade, o torna mais completo em seu objetivo de expor como a produção de novas epistemologias requerem, também, uma nova língua, uma língua viva e de estranhamentos, que seja queer.

Em 2018, ano da última crônica presente no livro, a extrema direita venceu as eleições executivas no Brasil. Dentre as últimas crônicas de “Um Apartamento em Urano”, Preciado denuncia os avanços da extrema direita ao redor do globo, mencionando inclusive o Brasil. À época, notícias falsas como as do kit gay e das mamadeiras de piroca eram difundidas com tamanha frequência que permeavam o debate público, mesmo sendo invenções absurdas. Em momento algum a mídia tradicional foi capaz de superar essas invenções e, se existiram esforços, foram todos ineficientes. Desde então, a mídia tradicional pouco tem aprimorado sua relação com corpos dissidentes no Brasil, refém do agendamento de indivíduos de extrema-direita e de suas agências de mídia alternativa.

Nos últimos anos, a ênfase no debate transfóbico tem se dado nos Estados Unidos e no Reino Unido. A opinião pública em relação a juventude trans e queer e o acesso à espaços segregados por gênero tem sido alvo de terrorismo de prominentes figuras políticas de extrema direita em ambos países. Nos Estados Unidos, comunicadores com plataformas como podcasts e páginas de humor têm direcionado assédio frequente a pessoas trans e aos direitos da população trans. A Trans Journalists Association é uma associação anglófona para jornalistas trans que divulga produções, profissionais, notícias sobre pessoas trans, além de um guia estilístico para jornalistas reportarem sobre pessoas trans. Dentre as diretrizes apresentadas, um dos seus enfoques é que pessoas trans deveriam falar sobre elas mesmas. Ou seja, ao invés de enfocar uma reportagem sobre pessoas trans na perspectiva de pais, responsáveis, amigos cis, professores ou qualquer outro conhecido não trans, a TJA é imperativa em afirmar que a pessoa trans deve ter a possibilidade de falar sobre si mesma e suas experiências. No capítulo de boas práticas de seu guia estilístico, a associação reforça

que as vozes de pessoas trans devem ser centrais na cobertura; elas devem falar, não apenas serem o assunto.

Logo na introdução do livro, Preciado já apresenta sua condição política enquanto homem trans como de diferenciação social tamanha ao ponto de se sentir habitante de um outro planeta. Urano, em questão, é escolhido por ocasião de um sonho do autor, mas também como consequência de uma série de fatores envolvendo sua mitologia, seu descobrimento, sua morfologia, e sua decorrente carga simbólica. A semântica presente em Urano é a da transformação. Ser um uranista seria estar em transformação, seria ser imprevisível, a diferenciação por si.

A relação entre o mito de Narciso e as corps dissidentes se dá de forma similar. Como explica Fournier, a associação do narcisismo com a feminilidade é presente desde a teoria psicoanalítica de Freud, em que o narcisismo e a feminilidade são integralmente conectados. “Chamar alguém de ‘narcisista’ é patologizar essa pessoa como passiva, ignorante, e atrofiada em seu desenvolvimento emocional”⁸ (FOURNIER, 2021, p. 55, tradução nossa). A mulher narcisista freudiana seria auto-contente e inacessível, categorizada como ingênuas e incapaz de desenvolver pensamento crítico. Luce Irigaray aponta como essa definição é paradoxal e insuficiente considerando-se que o conceito de inveja do Falo e de uma economia falocêntrica não permitiria que a mulher, por natureza, pudesse ser narcisista.

Da interpretação de Irigaray e de outras teóricas feministas, o narcisismo por definição se abarca em uma gama de definições entre o ser e a imagem. Dessa definições, a imagem da mulher é marcada pela sua diferenciação com a dominação masculina, o que enfatiza como seu local pode ser percebido, enquanto o do homem se confunde com o universal. Desse processo, as demandas de feministas acabam sendo vítimas de uma categoria de menor racionalidade e interpretações narcisistas do mundo. Entrelaçando novamente com a autoteoria, Fournier (2021, p. 57, tradução nossa) expõe:

Esse é um dos pilares da autoteoria: ela trata dos enviesamentos ignorados pelas críticas ao narcisismo como um fenômeno acrítico. Por meio de sua fundamental correspondência entre o autobiográfico e o teórico, o auto-reflexivo e o crítico, e por meio de sua escolhida transgressão das linhas que dividem ‘teoria’ de ‘autobiografia’ e ambas da ‘ficção’, a autoteoria provém uma nova perspectiva nesses longos e contínuos problemas relacionados ao narcisismo e os autos na teoria e na filosofia.⁹

⁸ “To call someone “narcissistic” is to pathologize that person as passive, ignorant, and stunted in emotional development”.

⁹ “This is one of the stakes of autotheory: it addresses the unchecked biases behind the charges of narcissism-as-uncritical. Through its fundamental shuttling between the autobiographical and the theoretical, the self-reflective and the critical, and through its knowing complication of the lines dividing “theory” from “autobiography” and both from “fiction,” autotheory provides new insight into these long-standing and ongoing problems related to narcissism and the autos in theory and philosophy”.

Portanto, o narcisista é sempre aquele em estado de diferenciação, que está fora da norma, que não pode ser abarcado por um sujeito universal discursivo. O narcisista seria o indivíduo que necessita posicionar-se politicamente para lutar por seus direitos e para ser reconhecido como existente. O mito de Narciso, o mito do vício com a própria imagem, do amor por um igual, da transgressão de uma lei natural que deve ser punida com a morte, é transformado em um estratagema discursivo contra quem precisa falar sobre si mesmo para sobreviver à violência.

Existem, também, camadas de uma dimensão literária e artística presentes nas crônicas de *Um Apartamento em Urano* que dificilmente são contempladas em uma análise teórica de seu conteúdo. Seguindo os preceitos de Susan Sontag em seu ensaio “Contra a interpretação”, é importante considerar que a análise detalhada dos mais ínfimos detalhes muitas vezes incapacita a dimensão artística de uma obra, tendendo-a ao utilitarismo. Apesar da autoteoria simular um propósito, incentivar uma análise, estimular um debate, ainda há em sua composição o ficcional, o diferencial do artístico, da poética. Essa dimensão, inexistente no jornalismo enquanto linguagem, é a principal característica de diferenciação entre a linguagem jornalística e a autoteoria. Como apontado pelo próprio autor, a transgressão, a experiência queer é inherentemente poética, pois a poesia é transformadora. Seria a linguagem jornalística capaz de se adaptar à transição?

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autoteoria como forma reconhecida de produção de conhecimento e disseminação de informações é uma reivindicação de movimentos feministas e de minorias sociais há décadas, mas segue vítima de deslegitimação e desconsideração teórica pelos circuitos de conhecimento consagrados no contexto político atual. Dentre eles, o jornalismo, como força motriz do quarto-poder, como responsável pelo agendamento das pautas, como meio de comunicação de difusão rápida e direta convencional, é dos circuitos de conhecimento consagrados mais avessos à transformação e à responsabilização de seus fracassos e de suas falhas, apesar de todos os desafios em sua credibilidade e alcance público no capitalismo tardio. Em *Um apartamento em Urano*, Preciado transforma com suas crônicas a autoteoria queer em jornalismo e desfaz as barreiras entre a convencionalidade do jornalismo como linguagem e da ficção e da biografia como formas de disseminar conhecimento.

Um apartamento em Urano é uma violação, uma destruição da corroída imagem do jornalismo convencional. É uma das máximas de sua insuficiência informacional, insuficiência para com corpas dissidentes, insuficiência como epistemologia e insuficiência como literatura. Mais do que uma exposição das insuficiências do jornalismo, com toda sua proposta epistemológica, Preciado é disruptivo, insubordinado com todos os discursos validados pelos meios de comunicação e de dominação no Ocidente, dissecando suas falsas equivalências, imoralidades e falseamentos de intelecto. Preciado apresenta o uranista como esse não indivíduo, essa não existência, esse ser em constante diferenciação, em constante transformação, indefinível corretamente sob o sistema sexo-gênero e sob a necropolítica dos Estados nacionais. Preciado se apresenta como o dono legítimo de um apartamento no planeta Urano e convida seus leitores a o visitarem em sua obra e, assim, propõe uma comunidade, um acolhimento, e também uma multiplicidade de dissidentes.

REFERÊNCIAS¹⁰

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade, 22º edição. [s.l.]: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith, **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”, 1ª edição. [s.l.]: N-1 Edições, 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1ª edição. Contraponto, 5, 2, 2007

DESPENTES, Virginie; BECHARA, Márcia, **Teoria King Kong**, 1a edição. [s.l.]: N-1 Edições, 2016.

FOURNIER, Lauren. **Autotheory as Feminist Practice in Art, Writing, and Criticism**. 1a edição. [s.l.]. MIT Press, 2022.

LETRA EM CENA, COMO LER... CAROLINA MARIA DE JESUS. [s.l: s.n.], 2022. 1 vídeo (92:55 min). Publicado pelo canal de Minas Tênis Clube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tJgW2CboHVs>. Acesso em: 6 set. 2024.

¹⁰ De acordo com a norma da ABNT NBR 6023:2018.

MORAES, Fabiana; DA SILVA, Márcia. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero:** a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>>. Acesso em: 23 Out. 2024.

PRECIADO, Paul B, **Eu sou o monstro que vos fala:** Relatório para uma academia de psicanalistas, 1a edição. [s.l.]: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B, **Manifesto contrassexual:** Práticas subversivas de identidade sexual, 1a edição. [s.l.]: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B, **Testo junkie:** sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica, 1a edição. [s.l.]: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B, **Um apartamento em Urano:** Crônicas da travessia, 1a edição. [s.l.]: Zahar, 2020.

ORLANDO, minha biografia política. Direção: Paul B. Preciado. Produção: Yael Fogiel, Laetitia Gonzalez. França: The Party Film Sales, 2023. 98 min.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos, Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul, **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.

RIBEIRO, Simone Dos Santos et al.. **Escrevivência:** inspiração teórica e metodológica como caminho para uma educação em ciências interseccional. Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76507>>. Acesso em: 09 nov. 2024.

TRANS JOURNALISTS ASSOCIATION. **Stylebook and coverage guide.** [s.l. 2024]. Disponível em: <https://styleguide.transjournalists.org/>. Acesso em: 6 set. 2024.